

A EPISTEMOLOGIA DE FRONTEIRA NA MÍSTICA DA SOBREVIVÊNCIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

FRONTIER EPISTEMOLOGY IN THE MYSTICS OF SURVIVAL OF CAROLINA MARIA DE JESUS

DENNYS GIRARDI

Doutorando pelo Centro Universitário Curitiba - Unicuritiba. Mestre pela PUCPR. Especialista em Docência e Prática em Meditação. Especialista em Psicanálise. Especialista em Psicologia Analítica. Especialista em Psicologia Transpessoal. Especialista em Ensino da Filosofia. Graduado em Filosofia e História.

THIAGO ROCHA DA CUNHA

Pós-doutorado, Doutor, Mestre e Especialista pela Universidade de Brasília (UnB). Professor do Programa de Pós-Graduação da PUCPR. Bacharel em Biomedicina pela UNIFEV. Professor Visitante da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina. Pesquisador do Observatório de Membro fundador da Red Universitaria para la Integración Regional en Salud (RED UNIR Salud).

ANA MYRIAN WUENSCH

Doutora em Bioética pela Universidade de Brasília - DF. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Professora do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Bioética da Universidade de Brasília (UnB). Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, RS.

JOSÉ EDMILSON DE SOUZA LIMA

Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Mestre em Sociologia Política (UFSC). Pesquisador e docente. Líder de grupo de pesquisa Epistemologia e Direito (CNPq/Unicuritiba) e Epistemologia e Sociologia Ambiental (CNPq/UFPR).



RESUMO

O presente artigo analisa a obra Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, a partir das perspectivas da epistemologia de fronteira e da mística da sobrevivência. Discutem-se as contribuições da autora para uma epistemologia contra-hegemônica que valorize os saberes subalternos. Na análise, articulam-se os conceitos de fronteira epistêmica, locus de enunciação, mística da sobrevivência e validação do conhecimento. O artigo apresenta sua trajetória e obra apontando as tensões que sua escrita provoca nas estruturas dominantes do conhecimento a partir da produção de saberes literários desde o espaço negado das favelas, onde, com as lentes por Maria Zambrano, é possível identificar a manifestação de uma mística da sobrevivência. O trabalho conclui que Carolina lega um aprendizado sobre a legitimidade dos saberes que brotam da vida concreta e da luta cotidiana dos oprimidos. Sua existência e obra já representam em si a expressão de uma mística da sobrevivência e a validação de uma epistemologia de fronteira.

Palavras-chave: Epistemologia; Mística; Quarto de Despejo; Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT

This article analyzes the work "Quarto de Despejo" by Carolina Maria de Jesus from the perspectives of border epistemology and the mystique of survival. It discusses the author's contributions to a counter-hegemonic epistemology that values subaltern knowledge. The analysis articulates the concepts of epistemic border, locus of enunciation, mystique of survival, and validation of knowledge. The article presents her trajectory and work, highlighting the tensions her writing provokes in dominant knowledge structures through the production of literary knowledge from the denied space of favelas, where, through the lens of Maria Zambrano, it is possible to identify the manifestation of a mystique of survival. The work concludes that Carolina leaves a lesson about the legitimacy of knowledge stemming from concrete life and the daily struggle of the oppressed. Her existence and work inherently represent an expression of a mystique of survival and the validation of a border epistemology.

Keywords: Epistemology; Mystic; Quarto de Despejo; Carolina Maria de Jesus.

1 INTRODUÇÃO

Quando percebi que eu sou poetisa fiquei triste porque o excesso de imaginação era demasiado [...]. (Jesus, 1996, p. 84)

Ficava duvidando das minhas possibilidades porque os doutores de Coimbra diziam que os negros não tinham capacidade. Seria aquilo perseguição? Qual era o mal que os negros haviam feito aos portugueses? (Jesus, 2014, p.43)

A obra da escritora e poetisa brasileira Maria Carolina de Jesus envolve uma



certa conexão questionadora com o sagrado (Costa Júnior, 2020) e com a produção de um pensamento de fronteira que se expressa a partir das feridas da diferença colonial (Oliveira, 2020). Neste trabalho, estes dois aspectos marcantes da obra de Carolina são articulados com o propósito de verificar como a produção de conhecimentos a partir de experiência vividas à margem da sociedade pode contribuir para uma abordagem crítica da epistemologia.

Maria Carolina de Jesus, em todos os seus 13 trezes livros, mas especialmente em Quarto de Despejo (Jesus, 2020), traz à tona a experiência de vida de uma mulher preta, pobre e periférica na cidade de São Paulo dos anos 1950 e 1960. Ao analisar a obra a partir da perspectiva epistemológica, é possível perceber como a escritora constrói um conhecimento desde a sua visão de mundo aberta em sua vivência cotidiana pela situação-limite da fome, na fronteira e à margem do cânone literário, ao mesmo tempo que expressa um grito de resistência que configura aquilo que será identificado como uma verdadeira “mística de sobrevivência”.

A obra de Carolina sugere que sua vida envolve certa luta político-mística que conecta o transcendente e o imanente, a devoção e a ação, o particular e o universal como formas de construir o conhecimento válido. Carolina de Jesus utiliza sua escrita como forma de denúncia das condições desumanas de vida a que foi submetida, além de trazer à tona as injustiças sofridas por todo um grupo social pela transformação do real em prosa e poesia.

Deste modo, é possível associar os saberes presentes na obra de Carolina de Jesus à construção de uma epistemologia de fronteira que valoriza a validade do conhecimento produzido a partir da experiência cotidiana e da resistência à opressão, que se manifesta pela transformação do real, do dia a dia, da ação e que se distancia, pela urgência, do “excesso de imaginação”.

De acordo com a perspectiva hegemônica da filosofia, a epistemologia é um ramo da filosofia que estuda a natureza, fontes e validade do conhecimento (Bombasaro, 1992). Muitas vezes baseada em uma perspectiva eurocêntrica, branca e masculina, a epistemologia vigente tende a subalternizar a diversidade de conhecimentos e perspectivas que surgem na periferia do mundo colonial (Souza-Lima, 2019). Neste entendimento tradicional da epistemologia, por exemplo, uma mulher autodidata negra como Carolina de Jesus seria impossibilitada de saber, muito



menos de gerar conhecimento com algum valor ou interesse para compreensão do mundo, na medida em que apenas reconhece como válido o conhecimento que segue os enquadramentos da filosofia, da epistemologia e do cânone literário ocidental.

O interesse deste trabalho, porém, está na epistemologia de fronteira, tal como valorizada em estudos decoloniais, que se dedica a investigar os limites do conhecimento humano e as possibilidades de expansão desse conhecimento para além dos domínios estabelecidos pela racionalidade eurocêntrica (Mignolo, 2010). Tal epistemologia se concentra em explorar as fronteiras do conhecimento e questionar as formas tradicionais de aquisição e validação do saber. Diversos autores e autoras contribuíram para o desenvolvimento dessa abordagem, entre eles se destacam: Glória Anzaldúa (2005), Enrique Dussel (2016), além do citado Walter Mignolo (2010).

Cada uma e cada um destes autores abordou a epistemologia de fronteira de maneiras distintas, explorando temas como colonialidade do saber, linguagem, revolução científica, relações de poder e pluralidade de metodologias científicas. Tais contribuições oferecem perspectivas críticas e libertadoras para entender e estender os desafios e as possibilidades da produção de conhecimento mais além das fronteiras estabelecidas.

Por outro lado, guiados por Maria Zambrano (2012), encontramos em Carolina de Jesus uma dimensão mística, aqui denominada como mística da sobrevivência, relacionada àquelas raras experiências diretas da realidade que se formam na intuição e se materializam como inefáveis, distanciando-se da intelectualização dos “doutores de Coimbra” e se enredando no emaranhado dos saberes da vida, que em Carolina de Jesus se constitui como sobrevivência:

Eu só conseguia comer quando estava empregada. Era necessário procurar um emprego para viver sempre na cidade. (Jesus, 1986, p. 189) [...] Achei um cará no lixo, uma batata doce e uma batata solsa. Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro. Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes elétricos. Não tinha gordura. Pusei a carne no fogo com uns tomates que eu catei lá na Fabrica Peixe. Pusei o cará e a batata. E água. Assim que ferveu eu pusei o macarrão que os meninos cataram no lixo. Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos. Eu não vejo eficiência no Serviço Social com relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão. Vou cozinhar a batata doce. (Jesus, 2020, p. 44)



Neste sentido, a mística de sobrevivência encontrada em Carolina reconhece a sabedoria e a conexão com o sagrado imanente, encontrada nas experiências vividas, no real, tal como expressa a metáfora do coração de Zambrano (1995). Tal visão valoriza a experiência e as formas de conhecimento que surgem a partir da vida vivida, incluindo as tradições e culturas populares que emerge das periferias.

Essa mística inclui não apenas o conhecimento formal, mas também a sabedoria compartilhada no convívio que proporciona a sobrevivência dos subalternos em meios às opressões sustentadas pela epistemologia daqueles que Carolina chamou de “Doutores de Coimbra”.

A mística diz do não dito, do inefável, daquilo que se compreende como não falado, mas repleto de sentido e de vida. “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (Wittgenstein, 1994, p. 281). A mística, aqui explorada, diz da força que impulsiona à luta, do mistério que instiga e lança para existir, da unidade e cumplicidade, que gera a vivência, a convivência e a sobrevivência (Panikkar, 2005). Talvez não seja possível dizer exatamente o que é a mística (Koirá, 2013), mas sim apresentar como ela se comporta, como uma clareira no bosque da racionalidade (Zambrano, 1995).

A mística da sobrevivência se concentra na capacidade de, como magia, na abertura daquilo que os povos momposinos do Caribe Colombiano chamam de *sentipensar*, categoria amplamente utilizada por Fals-Borda (2008), Eduardo Galeano (1993) e Arturo Escobar (2014), mas cuja melhor definição ainda é a transliteração dos momposinos, quando disseram: “nós acreditamos, na realidade, que atuamos com o coração, mas também empregamos a cabeça. E quando combinamos as duas coisas, assim somos sentipensantes” (Fals-Borda, 2008).

Na medida em que a epistemologia avança para as fronteiras, torna-se múltipla e abrangente ao trazer junto a sabedoria e o conhecimento impulsionado pela mística do real, pela experiência ordinária dos povos que resistem. O reconhecimento da diversidade de perspectivas e conhecimentos existentes pode ajudar a superar a exclusão e marginalização na sociedade (Oliveira e Gomes, 2021).

O presente trabalho tem o objetivo, portanto, de analisar relações entre epistemologia, mística e sobrevivência a partir da obra Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. Tem-se como hipótese que essa abordagem pode proporcionar uma

reflexão libertadora sobre a epistemologia, em que a consideração sobre a verdade e o conhecimento em sua obra seja inspiração para outras formas de escrever, sobreviver e resistir.

2 MÉTODO

O trabalho apresenta uma reflexão sobre a epistemologia de fronteira e a mística da sobrevivência, tendo como referência a obra "Quarto de Despejo" de Carolina de Jesus (2020). A partir do texto e da análise de produções acadêmicas e literárias que abordam o tema, buscou-se desenvolver teorias, conceitos e ideais que permitam compreender a complexidade da produção e validação do conhecimento construído e desenvolvido fora dos modelos eurocêntricos (Dussel, 2016).

O que se propõe é a pesquisa teórica (Marconi e Lakatos, 2003), que nesse sentido, tem como objetivo aprimorar os fundamentos teóricos da área, permitindo a posterior intervenção na realidade. No caso da mística da sobrevivência, a intervenção pode se manifestar em ações de resistência, organização política e fortalecimento comunitário.

Para tanto, é fundamental a compreensão das epistemologias e místicas que orientam tais experiências de sobrevivência, que se baseiam em uma cosmologia comunitária, em que o real precede o imaginário, e em outras formas de conhecimento que foram historicamente marginalizadas e silenciadas. Destarte, propõe-se a construção de uma análise da epistemologia e da mística de sobrevivência que valorize as formas de conhecimento marginais e permita uma compreensão ampla e profunda da realidade revelada, neste caso, na obra o Quarto de Despejo.

3 O QUARTO DE DESPEJO: POR UMA EPISTEMOLOGIA DE FRONTEIRA

A escritora Carolina Maria de Jesus, nascida em 14 de março de 1914 no interior de Minas Gerais, teve uma vida marcada por dificuldades e exclusão social. Filha de mãe solo, preta e pobre, migrou para São Paulo em busca de melhores condições, porém acabou marginalizada na favela do Canindé.



Ainda menina, frequentou uma escola em sua cidade natal, Sacramento (MG), aprendendo a ler e escrever. Mudou-se para São Paulo em 1937. Em São Paulo, viu-se obrigada a sustentar a si e aos três filhos como catadora de papel e empregada doméstica. Com materiais reciclados, construiu seu barraco na favela do Canindé e nos momentos livres, entre as atividades como catadora e o cuidado dos filhos, transformava, autodidaticamente, em literatura as anotações sobre o cotidiano que fazia nos papéis que recolhia nas ruas.

Sua obra-prima, *Quarto de Despejo*, retrata de forma nua o cotidiano de privações dos moradores da favela na década de 1960. O ideal de progresso e o desenvolvimento urbano, propagandeados na época como grande projeto salvífico para o Brasil, empurravam para as favelas os “condenados da terra” (FANON, 2005), as populações majoritariamente pretas, onde, sob todas as dificuldades, precisavam encontrar formas próprias de conhecer para sobreviver, resistir e (re)existir.

Apesar da precariedade, Carolina encontrou na escrita uma forma de denunciar a hipocrisia da exclusão social e apontar para mudanças. Sua vida e obra se entrelaçam numa narrativa forte e comovente, que mesmo após sua morte em 1977 continua atual e inspiradora.

Quarto de Despejo é o livro autobiográfico de Maria Carolina de Jesus, que se tornou conhecido e objeto de diversas formas de análise. Além disso, é um dos mais importantes relatos sobre a vida na favela naquela época.

Em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos (Jesus, 2020, p. 257).

Ao longo do livro a autora descreve sua experiência de vida, suas lutas diárias para sobreviver e alimentar seus filhos, além de abordar temas como racismo, pobreza, exclusão social e violência.

A epistemologia em Carolina de Jesus, como fronteiras do pensamento, como sentipensar, se manifesta em sua capacidade de transformar suas vivências cotidianas em conhecimentos e saberes que, por meio da literatura, se afirmam independentemente de qualquer cânone, e que são, de fato, condições de



possibilidade de sua própria sobrevivência. Seu livro revela a importância da reflexão crítica sobre a realidade e a necessidade de se valorizar a sabedoria que emerge da periferia, deveras ignorada pela academia e pela epistemologia.

Ficava duvidando das minhas possibilidades porque os doutores de Coimbra diziam que os negros não tinham capacidade. Seria aquilo perseguição? Qual era o mal que os negros haviam feito aos portugueses? Por que é que eles nos odiavam, se os negros eram pobres e não podiam competir com eles em nada? Aquelas críticas eram complexas na mente do negro (Jesus, 2014, p. 84).

Segundo Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016), as fronteiras ultrapassam a noção de espaços onde se reinventam as diferenças coloniais. Elas também são lugares de enunciação onde se constroem saberes a partir das perspectivas, visões de mundo e vivências de sujeitos que foram inferiorizados ou que assim são considerados. Ao apontar que “os doutores de Coimbra” afirmavam que os negros não tinham capacidade, Carolina denuncia uma perspectiva eurocêntrica de pensamento hegemônico. De outro lado, na obra ela apresenta conhecimentos e saberes contra-hegemônicos que emergem a partir de todos os elementos que compõe seu lócus.

O lócus de enunciação não é definido apenas por nossa localização geopolítica dentro do sistema moderno/colonial, mas também pelas hierarquias raciais, de classe, gênero, sexualidade etc. que recaem sobre o corpo (Bernardino-Costa e Grosfoguel, 2016, p. 19).

As fronteiras são locais de resistência epistêmica, nos quais grupos oprimidos geram novos discursos e conhecimentos que desafiam, por meio do sentipensar, as estruturas de dominação colonial. Essas resistências expressam uma forma de experienciar a realidade que atravessa a racionalidade colonial e estabelecem a verdade a partir da própria sobrevivência. Nas palavras de Galeano: “a linguagem que diz a verdade, é a linguagem sentipensante. Aquela que é capaz de pensar sentindo e sentir pensando (Galeano, 1993).

Através de uma abordagem sensível, Penteado (2016) demonstra como Carolina, mesmo em condições adversas, soube florescer e contribuiu para a literatura brasileira com narrativas que revelam sem medo a realidade das camadas marginalizadas na luta pela sobrevivência. A análise de Penteado nos aproxima do



universo social apresentado nos escritos de Carolina Maria de Jesus, ressaltando a habilidade de Carolina em fazer da existência o espaço para o desenvolvimento de um legítimo saber libertador.

De forma interessante, Penteadó (2016) utilizou a metáfora da árvore para se referir à produção da autora, enfatizando as raízes firmes de sua escrita no solo da realidade da favela, assim como os frutos vistos de longe que alcançou com repercussão nacional e internacional de um modo próprio de conhecimento de saber.

4 O QUARTO DE DESPEJO: POR UMA MÍSTICA DA SOBREVIVÊNCIA

Carolina rompe barreiras e transcende em sua trajetória de vida ao se autodefinir publicamente a partir de sua construção literária, criando, por meio de uma verdadeira mística da sobrevivência, a partir de suas intuições e experiências como escritora, poetisa, mulher, preta e favelada, espaços de visibilidade às múltiplas identidades historicamente oprimidas. Carolina subverte, assim, a lógica da invisibilidade historicamente imposta a esses grupos e abre caminho para uma escrita plural, aberta e libertadora. Sua ousadia ao denunciar sem filtros a realidade da favela a partir de dentro provoca uma ruptura com padrões com as formas de escritas tradicionais e elitistas (Santos, 2021).

A luta de Carolina expressa uma verdadeira mística da sobrevivência por meio daquilo que se aproxima do que Maria Zambrano chamou de razão-poética (Zambrano, 1996), que apresenta o tema da mística em perspectiva não religiosa e que pode ser condensada em três elementos centrais: experiência direta, a inefabilidade e a intuição.

A experiência direta refere-se ao contato íntimo e pessoal que transcende o que é experimentado. Não se trata de um conhecimento conceitual ou teórico, mas de uma vivência. Essa conexão direta e imediata está no cerne da mística. Em Carolina de Jesus essa conexão se dá com a realidade, com a vida na favela, com a fome, registou a autora: “Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos” (Jesus, 2020, p. 47).

Junto a experiência direta, vem a inefabilidade, ou a dificuldade de expressar



adequadamente em palavras e conceitos essa vivência. Ela transcende a linguagem e a razão habituais, tocando em questões que estão além do exprimível. Zambrano fala do "inefável" como aquilo que não pode ser plenamente dito ou conceituado, mas apenas intuído e vivido (Zambrano, 1996). Na obra de Carolina de Jesus expressões revelam elementos da inefabilidade em relação às coisas ordinárias e intensas da vida.

[...] A comida no estomago é como o combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei andar mais depressa. Eu tinha impressão que eu deslisava no espaço. Comecei sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida. (Jesus, 2020, p. 47).

Por fim, a intuição é outra marca fundamental da mística. O conhecimento do que é intuitivo, imediato, não mediado por processos racionais ou lógicos. São insights que emergem do contato profundo com o objeto da mística, no caso, a sobrevivência. De acordo com Zambrano (2005), a intuição proporciona uma experiência integral da realidade, não fracionada ou mediada.

É deste lugar que o significado da obra "Quarto de despejo - diário de uma favelada", concebendo um local destinado à acumulação de coisas inúteis, já não é suficiente. Repise-se que o que está elaborado é um conhecimento legítimo e intuitivo, pressentimento, suspeita honesta (Felippe, 2023).

Chaves (2022), ao tratar da mística no contexto da sobrevivência e resistência do Movimento dos Trabalhadores Sem-terra (MST) utiliza a imagem do caleidoscópio para demonstrar como essa mística toma contornos diferentes a depender de cada situação, de modo que às necessidades da vida a transformam.

Sendo impossível e indevido tratar de maneira isolada essas múltiplas cintilações - às vezes sombrias - do espectro cromático da mística, seguirei servindo-me do caleidoscópio de suas manifestações formais no intuito de apresentar sua conformação complexa. (Chaves, 2022).

Neste sentido, a encíclica *Evangelii Gaudium*, publicada pelo Papa Francisco em 2013, traz uma importante reflexão sobre a relação entre verdade e realidade para a mística da sobrevivência. Nela, Francisco afirma que "a realidade é superior à ideia" (Francisco, 2013. EG 233), enfatizando que não se pode reduzir a realidade a



construções teóricas e modelos conceituais, a meras ideias e imaginação. Nisso, a leitura profética coloca em voga o risco de, em nome de uma verdade racional, “excesso de imaginação”, se perder a conexão com o real.

O pensamento de Francisco se conecta à chamada mística do real presente no texto de Carolina de Jesus. Ou seja, uma atitude contemplativa e de admiração diante da realidade concreta, nos precede e nos supera. Portanto, a mística da sobrevivência se dá no real e mais do que aplicar ideias pré-concebidas, se deixa interpelar e surpreender pela densidade do real, com uma atitude de abertura místico-política, de escuta e diálogo tendo em vista a resistência e a sobrevivência.

5 O QUARTO DE DESPEJO: SOBREVIVÊNCIA DA VIDA E SOBREVIVÊNCIA DO TEXTO COMO VALIDAÇÃO EPISTÊMICA

Carolina Maria de Jesus lega para a literatura brasileira um novo olhar, gerado desde as margens, que expande as possibilidades expressivas da linguagem e humaniza sujeitos não raro desumanizados nas representações hegemônicas. A contribuição de Carolina coloca em pauta a perspectiva da fronteira, vez que ao ter visibilidade em suas obras desnuda-se não apenas os sistemas de opressão linguísticos e de suas condições de vida, mas também revela a potencialidade dos conhecimentos da periferia, que historicamente são submetidos a processos sistemáticos de apagamento.

Carolina lembra como seu avô instigava à aquisição do conhecimento formal, segundo ela, seu avô dizia: "Quando vocês entrarem nas escolas, estudem com devoção e esforcem-se para aprender" (Jesus, 1986, p. 57). De fato, ao longo da história colonial brasileira, mesmo a população preta lutando por liberdades e direitos, havia leis que impediam o acesso à educação (Santos *et al*, 2016) e mesmo depois de décadas da abolição, se manteve a total falta de estrutura para garantir o acesso regular dos pretos à educação formal (Davis, 2016).

Embora Carolina já não tenha sofrido impedimento legal em relação aos estudos, enfrentou limitações impostas pelas condições históricas pós-escravidão e pelo racismo estrutural que delas decorrem. Ela foi alfabetizada quando criança,



contudo, pelas diversas circunstâncias não avançou nos estudos formais, produzindo sua obra de forma autodidata, sustentada na força de sua mística da sobrevivência.

Carolina produziu sua obra utilizando uma linguagem própria, não-formal e deveras distante do padrão defendido pelas elites acadêmicas. A escrita refletia seu contexto periférico e fronteiriço, não se encaixando nos moldes eruditos preconizados por setores dominantes, os tais "Doutores de Coimbra".

Seu pioneirismo reside nessa capacidade de gerar, nas "brechas" da estrutura da epistemologia dominante, um conhecimento e uma estética libertadores, criando uma forma própria de sobreviver a partir do real, contando histórias, fazendo poesia e se fazendo ouvir (Fernandez 2021).

Leffort, Castoriadis e Morin (2018) o livro "Maio de 68 - A Brecha", texto que apresenta a ideia de como em maio de 1968 abriu-se uma brecha na sociedade francesa e na consciência política, criando um momento de possibilidades e transformações. O texto examina como esses eventos impactaram a França e influenciaram movimentos sociais e políticos em todo o mundo. Neste mesmo contexto, temos o pensador preto caribenho Glissant (2001), que faz referências às gretas que são formadas desde as lutas decoloniais, anticoloniais e contracoloniais dos povos empurrados para as margens do sistema produtor de mercadorias e de sentidos "válidos". Glissant propõe uma estética que aborda a questão da identidade das minorias, povos e nações emergentes. Ele destaca a função emancipatória das literaturas que surgem nas gretas, brechas, e fazem frente à dominação política e econômica, bem como da ameaça de homogeneização das culturas.

Contudo, no que se refere à Carolina Maria de Jesus, deste as primeiras publicações, seu texto passou por revisões e correções de editores que tentavam levar a obra para a forma culta, ela mesmo apontou para isso e se mostrava descontente com as intervenções do jornalista Audálio Dantas em seus escritos (Fernandez, 2014).

Conversei com aquela jovem que tem a loja em frente a parada de ônibus. Eu disse-lhe que não aprecio a ideia do jornalista das Folhas publicarem minhas produções estilo diário. Tenho receio de angariar inimigos. E sei que vou arranjar muitos amigos. Ela disse-me para deixar publicar. Que será um sensacionalismo para o povo. Eu sei que o povo está ansioso para ler o livro. (Jesus *apud* Fernandez 2021, p. 124).



Ao promoverem recortes e ajustes no texto original, a voz social da autora foi impactada diretamente, pois ao criarem uma "tentativa de aproximação com o referencial canônico", afastaram-se elementos que apontam para o pensamento fronteiriço, onde o real precede o imaginário. Produziu-se, então, um texto com adequação de forma e vocabulário, em descompasso com a narrativa crua e singular de Carolina presente nos manuscritos (Lima, 2011).

Assim, essa espécie de "enquadramento" epistêmico e estético acaba funcionando como um filtro que descaracteriza e enfraquece o potencial da obra. Ao invés de preservar a autenticidade da linguagem de Carolina, gerada desde a margem, tal revisão tende a um apagamento de suas marcas estilísticas em favor de uma aproximação forçada com o cânone literário da acadêmica universitária.

Anos depois, após pressões, o jornalista Audálio Dantas entregou para o Museu Afro-Brasil (MAB) alguns manuscritos de Carolina de Jesus que ainda estavam em seu poder, destes se destaca o Diário 20, que mesmo preservado sem os devidos cuidados pode ser acessado com a linguagem original da autora (Fernandez, 2021).

Em 2021 surgiu uma discussão sobre a possível revisão ortográfica e gramatical da obra de Carolina Maria de Jesus para uma nova edição preparada pela Companhia das Letras. Setores ligados ao normativíssimo acadêmico pressionaram para que o texto original fosse corrigido (Rebinski, 2021). O Escritor Sérgio Rodrigues defendia a correção do texto, tendo em vista que ele circularia em espaços destinados à norma culta (Prospero, 2021). Colunistas como Acauam Oliveira (2021) viram nessa tentativa mais uma forma de embranquecer e eurocentrar a literatura de Carolina, apagando suas características estilísticas particulares e o valor de sua narrativa crua e sem retoques, que irrompia de uma epistemologia fronteiriça.

Exigir a padronização estética de uma autora preta, favelada e autodidata significa submeter novamente seu pioneirismo a uma camisa de força literária, linguística e elitista. A potência transformadora da escrita de Carolina, a sua mística da sobrevivência, está justamente em revelar uma realidade dura ao largo dos filtros eruditos, os "Doutores de Coimbra", com a autenticidade de sua linguagem.

Mas o editor Francisco Alves soube compreender sua potência transgressora; publicou corajosamente Quarto de despejo, no mesmo ano em que também publicava



o primeiro romance de Clarice Lispector, *Laços de família*. E a própria Clarice logo compreendeu, e muito bem, “a verdade” da escrita de Carolina, segundo um diálogo entre as duas escritoras, registrado por Paulo Mendes Campos, no qual Carolina diz à Clarice: “Como você escreve elegante”, ao que Clarice responde: “E como você escreve verdadeiro, Carolina!” (Hansen, 2020).

Duas escritoras cuja originalidade tão distinta, uma da outra, as uniu no cenário literário brasileiro. Não apenas pela coincidência do ano de 1960 como data de estreias de suas obras literárias, ou porque tiveram o mesmo editor. Há muitos trabalhos dedicados ao tema da mística na escrita de Clarice Lispector, mas ainda pouco examinada a mística na obra de Carolina Maria de Jesus. A mística de Clarice está referenciada na mística judaica, mas suas narrativas e personagens femininas que anseiam pela comunhão com o outro (e com Deus), assim como por compreensão do mistério do mundo e de seu estar aí neste mundo, como mulher, o que resulta, segundo a teóloga Maria Clara Bingemer, em registros de “verdadeiras experiências místicas”, numa escrita original que “jorra sobre o papel, é vida pura, vida que sai das entranhas” (Bingemer, 2021).

A preservação e publicação dos poucos manuscritos em sua forma original é um ato de sobrevivência que rejeita impor uma revisão normativista, para manter viva a voz que ecoa das margens e todo o ímpeto revolucionário. Acauam Oliveira (2021) desempenhou um papel fundamental ao denunciar o movimento e publicizar, a necessidade de manutenção do texto de Carolina.

Um dos pontos importantes na epistemologia é a validação do conhecimento, tema discutido desde a antiguidade filosófica. A validação de uma epistemologia de fronteira, especialmente aquela que emerge da mística de sobrevivência, requer uma abordagem que leve em consideração a pluralidade de saberes e experiências vivida. Isso significa que a validação não pode ser restrita a critérios imaginários, “excesso de imaginação”, como aquele que privilegia a ciência ocidental e suas metodologias, que atuam com a representação racional, imaginação.

Em vez disso, é necessário reconhecer e valorizar as múltiplas formas de conhecimento, apresentados por Carolina, como a relação direta com a realidade que se dá na vivência cotidiana. A validação deste conhecimento, portanto, envolve a resistência e a sobrevivência, não apenas dela, mas também de seus textos.



Desta forma, Carolina Maria de Jesus e sua obra exemplificam de maneira contundente a epistemologia de fronteira e a mística da sobrevivência. Em meio a tantos percalços e privações, sua própria existência já representa resistência e validação de saberes marginalizados. Além disso, apesar das reiteradas tentativas de silenciamento, e de “padronização” seus textos sobreviveram e permanecem vivos, afirmando na e da fronteira um contradiscurso potente.

Carolina não tinha acesso aos espaços formais de produção de conhecimento. No entanto, na labuta diária pela subsistência, de modo intuitivo, a partir de sua experiência direta da realidade, laborou narrativas que subvertem a lógica academicista e elitista da literatura da época. Sua linguagem indisciplinada, nascida nas margens, questiona e desestabiliza o cânone literário excludente.

Assim, Carolina expõe como os saberes gerados na fronteira, a partir da mística da sobrevivência, são radicalmente válidos e transformadores. Sua trajetória demonstra que o conhecimento não está necessariamente nos livros e no imaginário dos “Doutores de Coimbra”, mas também na vida concreta e na luta cotidiana dos oprimidos. É esse conhecimento, vivo e visceral, que Carolina se inscreve e se valida na literatura e na cultura brasileira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus representa uma rica fonte para reflexão sobre epistemologia de fronteira e mística da sobrevivência. Através de seu relato potente, que mistura poesia e denúncia social, Carolina expõe formas de sentipensar forjados na experiência concreta das margens.

A mística que propulsiona sua epistemologia de fronteira e sua própria sobrevivência funda-se na capacidade de gerar – a partir da opressão vivida, padecida e transcendida pela literatura – estéticas e saberes libertadores. Carolina cria, desde o lugar negado a ela, um novo modo de narrar, de saber e de resistir. Sua voz indisciplinada abala os alicerces da linguagem elitista e do pensamento hegemônico, que não raramente tenta enquadrar seus escritos nos padrões hegemônicos.

Assim, ao dar visibilidade às camadas invisíveis de uma realidade social,



Carolina lega um aprendizado que extrapola sua trajetória pessoal. Ela ensina que a legitimidade do conhecimento não deriva do reconhecimento institucional, dos “doutores de Coimbra”, mas da validação coletiva nos processos reais de luta e sobrevivência.

Talvez o grande legado de Carolina Maria de Jesus seja revelar que o saber brota do chão duro da vida, fertilizado por uma mística imanente que se expressa na vontade de sobreviver. Nos sistemas coloniais, as subjetividades que resistem à colonização e que estão empenhadas de muitos modos em projetos de libertação, mostram que falar ou escrever é um ato de coragem. Mas, frente a esses casos, ainda restariam algumas perguntas fundamentais: quem escutará sua voz, ou será um sujeito de leitura possível de seu texto, desde onde, e com que referenciais? Quantas Carolinas existem ainda invisibilizadas, cujas vozes seguem abafadas pela epistemologia tradicional? Que outros conhecimentos revolucionários podem emergir quando essas vozes enfim sejam ouvidas?

REFERÊNCIAS

ANZALDUA, G. La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciência. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, dez. 2005. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=en&nrm=iso Acesso em 15 maio 2023.
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>

BERNARDINO-COSTA, J.; GROSGOUEL, R.. **Decolonialidade e perspectiva negra.** Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 15–24, jan. 2016.

BOMBASSARO, L. **As Fronteiras da Epistemologia** Petrópolis: Vozes, 1992

BINGEMER, M.C.L. Escrever como missão, uma literatura em direção à mística. Entrevista de Maria Clara Bingemer a Ricardo Machado. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, IUH online, edição 547, 05 abr. 2021. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7754-escrever-como-missao-uma-literatura-em-direcao-a-mistica>. Acesso em 21 out. 2023.

CHAVES, C. Rituais da Mística. A mística do MST e as aporias da ação coletiva. **Revista de Antropologia**.

COSTA, JÚNIOR, Josias. **A dimensão religiosa na obra Quarto de despejo.** Estudos de Religião, 34(3), 2020.



DAVIS, A. (2016). **Mulheres, raça e classe**. (H. R. Candiani, Trad.). São Paulo: Boitempo

DUSSEL, E. **Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofiada libertação**. Soc. Estado., Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100051&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 maio 2023. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100004ECO>

ESCOBAR, A. **Sentipensar con la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014. 184 p. (Colección Pensamiento vivo)

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
 FERREIRA, Manuel

FALS BORDA, O. **Sentipensante. Entrevista**. Entrevista com o autor. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LbJWqetRuMo>. Acessado em: 20.08.2023.

FELIPPE, C. Quarto de despejo: o sistema requejado decifrado por Carolina Maria de Jesus. In: SANTOS, M. A. **Trazendo Carolina Maria de Jesus para o Direito**. Rio de Janeiro: OAB/RJ. 2023.

FERNANDEZ, R. **Entrevista com Audálio Dantas**. Scripta, Belo Horizonte, v. 18, n.35,p.305-314, 2º sem., 2014.

FERNANDEZ, R. Literatura diarística versus diário literário Nos manuscritos de Carolina Maria de Jesus. In: SILVA, S. A. (Org). **A cor e a fome de um quarto de despejo: 60 anos da obra de Carolina Maria de Jesus**. Catu: Bordô-Grená, 2021.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii gaudium**: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Cidade do Vaticano: Tipografia Vaticana, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acessado em: 22.08.2023.

GALEANO, Eduardo. **El libro de los abrazos**. Madrid: Editorial siglo XXI, 1993.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a Uma Poética da Diversidade**. Tradutor: Elenice Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF. 2001. 176 p.

HANSEN, M. Os laços que unem Clarice e Carolina. In: Quatro cinco um. **A revista dos livros da Folha de São Paulo**[online], 01ago2020. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/literatura/os-lacos-que-unem-clarice-e-carolina>. Acesso em 21 out. 2023.



JESUS, C. M. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

JESUS, C.M. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Ática. 2020. p.264

JESUS, C.M. **Antologia Pessoal**. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy. Revisão: Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

KOIRA, E. I. **Desde “el bosque simbólico” hacia la representación mítica del mal. Una lectura de Visión de los hijos del mal de Miguel Ángel Bustos**. Teoliterária: São Paulo v.3 n.6. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22847/16533>. Acesso em 15 de maio de 2023. <https://doi.org/10.19143/2236-9937.2016v3n6p47-63>.

LEFORT, C; CASTORIADIS, C; MORIN, E. Maio de 68 – **A brecha**. Tradução: Anderson Lima da Silva & Martha Coletto Costa. São Paulo: Autonomia Leterária. 2018. 288p.

LIMA, S. M. O espaço social da voz: preconceito e literatura. In: DALCASTAGNÉ, R.; THOMAZ, P. C. (Org.). **Pelas margens: representação na narrativa contemporânea**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011, p. 101.

MARCONI, M. D. A. LAKATOS. E. M. Editora Atlas S.A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. SÃO PAULO, 2003. 311p.

MIGNOLO, W. D. **Desobediencia epistémica. Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

OLIVEIRA, A. **Gramática de Carolina de Jesus serve para marcar o racismo na literatura**. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/08/gramatica-de-carolina-de-jesus-serve-para-marcas-o-racismo-na-literatura.shtml>. Publicado em: 20.08.2021. Acessado em 12.08.2023.

OLIVEIRA, D. B. GOMES, R. C. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 35, n. 74, p. 643-677, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/55175/32878> . Acesso em 15 maio 2023. <http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v35n74a2021-55175>

OLIVEIRA, É. S.. **O Pensamento de Fronteira de Carolina Maria de Jesus**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 40, p. e212106, 2020.

PANIKKAR, R. **Da mística**. Experiência plena da vida. Barcelona: Herder, 2005

PENTEADO, G. **A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe**.



Estudos de literatura brasileira contemporânea, n.49, p.19-32, set./dez.2016.

PROSPERO, C. **As polêmicas na nova edição de “Casa de Alvenaria”, de Carolina Maria de Jesus.** Homo Literatus. Publicado em: 27 de setembro de 2021. Disponível em: <https://homoliteratus.com/as-polemicas-na-nova-edicao-de-casa-de-alvenaria-de-carolina-maria-de-jesus>. Acessado em: 16.08.2023.

REBINSKI, L. **Novas edições reacendem polêmicas sobre Carolina Maria de Jesus.** Rascunho: O Jornal de Literatura do Brasil. 05.09.2021. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/novas-edicoes-reascendem-polemicas-sobre-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em 16.08.2023.

SANTOS, L. C., CARVALHO, A. B., AMARAL, J. G., BORGES, L. A., & MAYORGA, C. (2016). Gênero, feminismo e psicologia social no Brasil: Análise da Revista Psicologia & Sociedade. **Psicologia & Sociedade**, 28(3), 589-603.

SANTOS, V. S. M. **Carolina Maria de Jesus: Outra Epistemologia na Primeira Pessoa.** In: Anais da Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural. Rio de Janeiro (RJ) UFRJ, 2021.

Disponível em:
<https://www.even3.com.br/anais/jgmictac/319554-CAROLINA-MARIA-DE-JESUS--OUTRA-EPISTEMOLOGIA-NA-PRIMEIRA-PESSOA>. Acesso em: 13/08/2023 14:45.

SILVA, S. A. (Org). **A cor e a fome de um quarto de despejo: 60 anos da obra de Carolina.** Catu: Bordô-Grená, 2021.

SOUZA-LIMA, J. E.; KOSOP, R. J. C. **Giro Decolonial e o Direito: Para Além de Amarras Coloniais.** Revista Direito e Praxis. Rio de Janeiro, V.10, N.4, 2019, p. 2596-2619.

WITTGENSTEIN, L. (1921, 1994). **Tractatus Logico-Philosophicus.** São Paulo: EdUSP, p.281.

ZAMBRANO, M. **Clareiras do Bosque.** Tradução: José Bento. Rio de Janeiro: RelógioD'água. 1995. 169 p.

ZAMBRANO, Maria. **Filosofia y Poesia.** 4ª Edição. México: Fondo de Cultura Económica. 1996.

ZAMBRANO, M. **Hacia um saber sobre el alma.** Buenos Aires: Losada. 2005.

ZAMBRANO, M. **El hombre y lo divino.** 2ª Edição. 6ª Impressão. México: Fondo de Cultura Económica. 2012

